

OS QUATRO DEMÔNIOS DA ECONOMIA MODERNA (*)

JOSÉ DENIZARD MACÊDO DE ALCÂNTARA

Esta noite de gala significa um instante de dolentes lembranças e plangentes recordações que já se esfumaçam ao longo de mais de um quarto de século, longo caminho percorrido, cujo leito tem sido pavimentado por lutas, sofrimentos e decepções — não são os trabalhos que nos envelhecem mas os desenganos com a humanidade, afirmou JOHN KENNEDY — e cujas margens têm como marcos miliários as cruces dos colegas e amigos queridos que já se foram dessa vida, o que às vezes torna nossa existência em autêntica alameda mortuária.

1942. Vinte e nove anos são passados. Eis-me colando a graduação em ciências contábeis, motivo por que, em respeito à ordem cronológica, que é a lei do Tempo — sem o qual nada de duradouro é construído pelo Homem que possa sobreviver — a minha primeira palavra de saudação é dirigida aos raros bacharéis em ciências contábeis que integram a presente turma de concludentes, partida de quem hoje é um dos mais antigos contadores cearenses, pois num Estado que conta pela casa dos milhares os profissionais da ciência de CERBONI, a minha inscrição de veterano no órgão disciplinador da classe, o Conselho Regional de Contabilidade, situa-se abaixo de uma centena, precisamente o n.º 93.

Para vós outros, cuja vocação recebeu o apelo da velha ciência de LUCA PACIOLI e que tantos cultores ilustres tem tido em nossa Pátria, algumas palavras de observação do que tenho visto e registrado ao longo da existência.

* *
*

Existe em nosso País — ignoro se o fenômeno ocorre em outros — uma tendência generalizada para ver na vossa profissão, além e

(*) Oração de paraninfo dos Contadores e Economistas da Universidade Federal do Ceará, concludentes no 1.º semestre de 1971.

muito além da ciência e da tecnologia do registro e controle das variações patrimoniais, uma espécie de assessoramento fiscal e jurídico da empresa, quando não a chefia burocrática da *azienda*. Dir-vos-ei que esta distorção, explicável na pequena e média empresa por uma questão de custos, nunca entretanto deverá vos afastar do âmago da vossa carreira, cujo conteúdo técnico-científico encontra-se de muito definido por eminentes mestres estrangeiros e nacionais.

Outra palavra, esta de ordem doutrinária, impõe-se para resguardo do vosso espírito de cousas novidadeiras, quais sejam a de querer encontrar outro fundamento sólido para a Contabilidade que não seja a propecta ciência dos juriconsultos romanos e dos canonistas medievais, a respeitável ciência das normas coercitivas, o Direito, na sua majestade de concreto pretendido que traveja a vida social, em uma palavra, substituir os ensinamentos sábios, profundos e completos da *escola personalista* pelas veleidades de outras pseudas diretrizes.

Somente o personalismo contábil dá resposta às indagações do profissional diligente e cuidadoso. Recorde-se que todas as relações surgidas no contexto do patrimônio ativo e passivo são de ordem jurídica, constituem direitos reais ou direitos pessoais e obrigações, que podendo ser quantificados em grandezas financeiras não perdem com isto a natureza de relações jurídicas, de vinculações ao Direito, que flui entre os fatos administrativos como uma corrente eletro-magnética a emprestar ao patrimônio o dinamismo das modificações qualitativas ou quantitativas — objeto das contas integrais e diferenciais.

Sem a visão jurídica da dinâmica patrimonial seria até impossível encontrar categoria lógica para certas teorias como é o caso das contas de compensação — verdadeiros registros de riscos e situações patrimoniais, contingentes em sua atualização, quando, então, tornar-se-iam matrizes de fatos administrativos concretos e atuais, concepção nova e emergente, que vai nos levando a um conceito mais amplo da ciência contábil, das teorias nela enfeixadas e até da própria análise de balanços.

* *
*

Volto-me agora para os numerosos economistas que compõem a maioria da turma concluinte, e é ainda uma palavra de saudade que me assoma aos lábios nesse momento festivo e solene, cheio de justas alegrias pela conclusão do curso e de álcres esperanças em um futuro profissional promissor, cheio de fortuna, êxito e realização.

1945. Fim da tragédia sangrenta da Segunda Grande Guerra, eis-me também recebendo os lauréis da graduação em economia e, mais ainda, honrado com a confiança dos meus 35 colegas para interpretar os entusiásticos sentimentos que lhes afloravam na alma, escolhido que fui para orador da minha turma, colocada sob o patrocínio da alta dignidade de um homem público da estirpe de Carneiro de Mendonça e apadrinhado pela inolvidável figura, caráter generoso e bom, inteligência de escol que em vida foi o saudoso mestre Joaquim Alves.

Escolhi como tema da oração um assunto que já fascinava a minha geração e continuou magnetizando pelos anos a fora todas as gerações de economistas brasileiros, a saber o problema do desenvolvimento econômico nacional, especialmente no aspecto industrial, cujas premissas geográficas e humanas foram repassadas à luz da conjuntura histórica e cultural em trabalho que fiz imprimir e divulgar.

Mal poderia prever naquele momento que muito do entusiasmo juvenil então manifestado iria sofrer ao longo dos anos uma crítica severa e um autêntico processo revisionista, sobretudo quando a experiência de todos os dias passou a revelar a temática do desenvolvimentismo como um instrumento que estava sendo desviado das suas precípuas funções de alavanca da felicidade comum e do bem estar nacional para servir a inconfessáveis interesses ideológicos e políticos.

Não menor foi a angústia do estudioso, do intelectual, do homem de pensamento, quando deparei com uma faceta inesperada do desenvolvimento, ou seja, não propriamente com os seus efeitos sócio-culturais, suas conseqüências políticas e históricas, mas com algo mais transcendente e mais relevante, algo que surpreende como categoria de valor, como dado axiológico do existir humano com subseqüentes repercussões na felicidade, na dignidade e no bem comum da pessoa humana, cujo respeito é princípio fundamental de uma sociedade legitimamente fundada à base da Justiça e das liberdades concretas.

Dessa inquietação dei testemunho eloqüente em discurso com que saudei nesta Universidade meu caríssimo amigo e companheiro de estudos dos bancos ginasiais, o Ministro João Gonçalves de Sousa, quando este, investido na direção da SUDENE, honrou-nos com a sua visita em 26 de fevereiro de 1966, no qual foquei enfática e sinteticamente a existência de, ao lado da análise comum, a análise metafísica, ética e axiológica do desenvolvimento, assim me pronunciando:

“É certo que a concretização econômica do desenvolvimento está razoavelmente definida nas contribuições teóricas de SCHUM-

PETER, ROSTOW, HIRSCHMANN, SINGER e outros, que os seus aspectos históricos e sociais foram objeto da análise percuciente de SOMBART e WEBER e o seu condicionamento cultural por FOSTER, pondo à mostra a sua qualidade de processo histórico e de mudança na estrutura social e no comportamento cultural. Entretanto, ainda persiste aquela desconfiança que HEILBRONER acentua ao lembrar que a experiência ocidental talvez não seja o paradigma ou o padrão do desenvolvimento econômico, mas um caso histórico altamente excepcional e singular.

É que o desenvolvimento — já o proclamou OLIVEIRA SALAZAR — é um problema essencialmente humano, ao qual nem sempre poderemos aplicar a frieza matemática da planificação econômica. E sendo um problema essencialmente antrópico, não se comporta bem em modelos pré-fabricados que constrem as eternas cambiantes da mutável realidade humana.

Decorre daí a insuficiência da análise a que o submetem os economistas, mesmo os sociólogos, historiadores e antropólogos, impondo-se na sua temática o preenchimento daquele vácuo representado pela falta da análise metafísica, formulando a sua autenticidade ética e axiológica para o gênero humano, num enfoque muito mais generoso da questão e de maior genialidade, pois permitiria contemplar o que se estende para além do desenvolvimento”.

Infirmado portanto em convicções que têm a seu favor a duração e o esplêndido reforço de longos anos de estudo e meditação, vergado sobre os livros mas subretudo voltando as páginas do livro da vida, é que me permito uma curta e incisiva orientação a vós outros que me honrastes do modo tão excelso ao jogar-me no topo desta tribuna como vosso paraninfo, nobre mistér que agradeço comovido e atribuo à vossa desmedida e rasgada generosidade.

Há um psicólogo da nossa época, o ilustre MIRA Y LÓPEZ, que intitulou ensaio memorável nos anais da ciência do comportamento medalhando a locução *os quatro gigantes d' alma*, os demônios do nosso mundo interior, a saber: o amor, o ódio, o poder e o dever. Permitam-me que eu, pobre curioso de cousas eruditas e vazio da criatividade inerente ao artista, faça a paráfrase e aproveite o dizer e a imagem do mestre renomado para produzir a analogia, o paralelismo em vos referir *os quatro demônios do economista moderno*, assim personalizados na minha visão intelectual: 1) o *dedutivismo metodológico*; 2) o *anti-culturalismo intelectual*; 3) o *tecnocratismo estatal*; 4) o *desenvolvimentismo relativista e pragmático*, temas em que cada um daria para uma monografia alentada e compendiosa e por isso não tentaremos expô-los na sua completa latitude mas apenas sumariá-los na mais sucinta e restrita forma necessária à compreensão e entendimento da questão.

O *dedutivismo metodológico* manifesta-se pela mentalidade de exagerada valoração dos processos de análise matemática aplicada *com exclusividade* no trato dos fenômenos econômicos. Com esta consideração não se quer contestar a utilidade do método, pois concordo plenamente com LÉON WALRAS ao afirmar que em economia tratando-se “do estudo de relações essencialmente quantitativas, o raciocínio matemático permite uma análise muito mais exata, mais completa, mais clara e mais rápida que o raciocínio comum”. Contesta-se, assim, o monopólio do processo de análise, sua apregoada exclusividade, como se os jovens economistas brasileiros devessem empunhar o estandarte levantado em artificioso silogismo por THORNDYKE, de muito superado pelos avanços da epistemologia científica, que tudo que existe, existe em determinada quantidade, e como a quantidade é sempre mensurável, tudo vem a ser susceptível de medida, falacioso raciocínio que até de DEWEY mereceu séria objeção.

A matemática supõe sempre que não se extrapola dos limites da idéia pura, da razão pura kantiana, nada podendo portanto embaraçar o rigor absoluto e verdadeiramente ideal, teórico e abstrato, vinculado ao *dever ser* de suas conclusões. Aqui já caberia um reparo feito pelos gnoseologistas, pelos noéticos, pelos epistemologistas: embora ciência abstrata por excelência, domínio exclusivo da razão pura, a matemática usa com frequência a *hipótese* como processo de trabalho, observa JASPERS, e a hipótese é sempre fruto da imaginação, que é uma atividade psicológica distinta do raciocínio puro. É a imaginação que inspira a hipótese, tão usual na demonstração que é o procedimento lógico da matemática.

Outra consideração a ser feita é que a matemática maneja noções muito abstratas e como tal extremamente simples, quais sejam as noções de grandeza contínua e descontínua, sendo por isto muito claro e preciso o seu objeto formal, graças às variáveis restritamente limitadas com que trabalha, gozando daquele mínimo de complexidade já apontado por AUGUSTO COMTE na sua teoria de classificação das ciências, o que não ocorre com outros setores do saber, sobretudo os das ciências humanas, sociais e culturais. Daí a sem razão do generalizado preconceito contrário — verdadeiro *ídola fori* de BACON, legítimo “folk-lore” científico — que a matemática é uma ciência difícil, quando em verdade é a mais fácil de todas, aquela que não pede o concurso de nenhuma outra, eis a conclusão atingida quando o problema é apreciado à luz da crítica do conhecimento científico e sob o melhor enfoque epistemológico.

Dessa sua simplicidade — complexidade mínima e generalidade máxima, como queria o positivismo comteano — porque joga com o mínimo de variáveis e de opções limitadas ao campo quantitativo é que decorre o valor relativo do seu emprego em áreas de co-

nhcimento ricas de complexidade, numerosas de alternativas, internamente dotadas de duração, sentido e intensidade diferentes, de N variáveis inexprimíveis pela mais sofisticada função de funções, tal como ocorre no plano da cultura, da sociedade, da história e do espírito em que interfere o impoderável e incomensurável da personalidade humana.

Isto explica porque um estrangeiro, WRONSKI, e um brasileiro, GOMES DE SOUSA (Sousinha), o imortal maranhense, sonharam e buscaram em vão no século passado uma equação arrancada da análise transcendente que englobasse matematicamente todas as dissimetrias cósmicas, inclusive as relacionadas com o homem e o seu comportamento. Em síntese, quiseram achar a equação da História, aquilo que para PAWLOW era o maior segredo da ciência.

Os juízos até aqui expendidos não implicam em sentenciar como excessiva a formação matemática que recebestes, pois sou o primeiro a reconhecer sua precariedade e insuficiência na perspectiva do nosso currículo, nem tampouco significa desapareço ao emprego da dedução matemática que ampliou o campo da pesquisa econômica teórica substituindo o conceito de causalidade pelo de função e interdependência, embora montado inteiramente sobre os velhos suportes psicológicos da escola clássica de SMITH, RICARDO, MALTHUS, STUART MILL e SAY, sumariados por GOSSSEN em 1854 no famoso princípio hedonístico, pedra angular para criar aquela economia pura que WALRAS enxergava como sendo essencialmente “a teoria da determinação dos preços sob o regime hipotético da livre concorrência absoluta”, precisamente a noção que permitiu o ajustamento e uso da matemática na análise econômica, como fez CASSEL na teoria do equilíbrio geral.

Deseja-se, sim, que a análise matemática seja usada com realismo, com equilíbrio intelectual, com bom senso, com judiciosidade, para evitar que o matemático se identifique com o esquizóide, afastado da realidade exterior e psiquicamente introverso, e impedir que a formosa ciência de EULER ou do moderno GEORG CANTOR, criador dessa fantástica matemática transfinita e do inconcebível número *aleph* e que viria a morrer demente, transforme-se num caso patológico de percepção, numa discromopsia, em que as realidades concretas e exteriores são vistas com cores diferentes do normal.

“Realizado com moderação, — assim se exprime um pedagogo brasileiro — o estudo das matemáticas confere ao espírito o hábito da reflexão, da ordem e da disciplina; a solução de problemas e a demonstração de teoremas são excelentes exercícios para o desenvolvimento da capacidade intelectual. É necessário, porém, não considerar a realidade apenas pelo prisma da matemática, nem pretender aplicar o raciocínio dedutivo ao estudo de todos os assun-

tos. O cultivo excessivo da matemática habitua o espírito ao abuso da abstração, fazendo-o pairar num mundo ideal, dissociado das realidades concretas. Além disso, os processos psíquicos e os fatos morais escapam, inteiramente, ao cálculo e à medida”.

Exatamente essa “dissociação das realidades concretas” é que motivou a vigorosa reação contra a escola clássica, a qual lançando as bases sólidas da economia em dados psicológicos, simples e permanentes, tais como os interesses, os desejos, as satisfações, as necessidades, as utilidades, os valores que fundamentam a demanda e a oferta, foi, entretanto, levada ao abuso da abstração e do método dedutivo. Tal destempero racionalizante encontrou resposta na crítica severa das escolas histórica, sociológica e institucionalista.

Como registra HUGON, o dedutivismo abstrato fez que alguns observassem “um divórcio cada vez mais acentuado entre a teoria e a realidade: enquanto uma indica o que há de uniforme nos fenômenos econômicos, proseguindo assim a pesquisa da verdade geral e fazendo pois obra de ciência, tal como é definida desde Platão, Aristóteles e Sócrates, a outra mostra uma diversidade crescente dos fenômenos econômicos e uma conexão cada vez mais estreita entre o elemento econômico e o social. E alguns são assim levados a pensar que a economia parece adormecer em um palácio de abstrações. Parece-lhes útil tirá-la do laboratório onde a dedução dos clássicos a mergulhara e reconduzi-la para a realidade pelos diversos caminhos do mundo econômico”.

E, note-se, isto ocorreu antes que COURNOT, genial pioneiro do método matemático em suas *Recherches sur les principes mathématiques de la théorie des richesses*, editado em 1838, desse o impulso inicial para o apogeu da dedução, logo seguido no século XIX pelos trabalhos magistrais da escola de Lausanne, com LÉON WALRAS e VILFREDO PARETO e outros economistas menores, aos quais deve ser inteiramente creditado o largo desenvolvimento da economia pura.

As mãos se reatam no momento em que se distingue a economia *pura* da economia *aplicada*, planos distintos mas complementares como momentos diferentes da análise econômica, permitindo simplificar e esclarecer a complexidade dos fenômenos tratados. A economia pura é o campo propício à análise matemática enquanto a economia aplicada encontrará na História, na Geografia, na Sociologia, na Antropologia Cultural, na Psicologia, na Biologia Social e no Direito, equipamentos poderosos à disposição de sua metodologia. A primeira seria o domínio das leis abstratas, ao mesmo tempo que a segunda proclama a existência e o valor de leis concretas no vasto campo da economia aplicada, levando a economia a integrar-se sociologicamente, do que dão exemplos memoráveis WALRAS e PARETO, igualmente economistas e matemáticos, igualmente

te sociólogos dos mais cõspicuos. Como disse ROSCHER, eminente economista teutõnico, "é preciso conhecer todos os fenômenos cujo conjunto forma a vida econômica e sobretudo a Língua, a Religião, a Arte, a Ciência, o Direito, o Estado e a Economia".

A esta altura, seria lícito vos oferecer uma singela reflexão que poderá ser meditada fecundamente no vosso futuro: seria justo e correto que vós sejais economistas cortados ao meio? Que uma cissiparidade pedagógica, didática e científica vos desmembrasse e mutilasse a vossa formação intelectual e técnica? Que somente um lado, uma faceta fossem cultivados no jardim da vossa inteligência, criando uma singular e curiosa personagem uniédrica? Que o sol do Saber visitasse apenas a face matemática do conhecimento econômico, deixando em perpétua obscuridade lunar o lado real, positivo, histórico e cultural da face humana da economia?

Competirá a vós responder tão alta indagação, embora a resposta já tenha sido antecipada cabalmente quando um matemático e filósofo como AUGUSTO COMTE criticou o método dedutivo dos clássicos, estabeleceu os princípios da Sociologia e considerou-os por igual válidos para o campo da Economia, sendo assim o pioneiro da reação histórica. Ou ainda respondida pela formosa cultura de um COURNOT, de um PARETO, de um WALRAS, de um KEYNES, para citar apenas alguns dos maiores luzeiros da metodologia matemática. Não sou eu, não sois vós, são eles, mestres dos mestres, que dão a resposta certa e desejada, mostrando a unidade ontológica da ciência e, assim, divergências desse teor somente poderão ser levantadas num ambiente provinciano em que ainda sobrenadam os detritos do "folk-lore" cientificista do passado.

Razões como essas é que me fazem contemplar com agrado o sistema de coordenadas cartesianas em que se projetam as curvas opostas do preço unitário crescente e da demanda decrescente para determinar a maximalização do lucro em um ponto dado, que a tradição batizou de "ponto de COURNOT". Acode-me sempre o sorriso tranqüilo de quem sabe que a lembrança amável do pioneiro da economia matemática é também a de um metafísico e pensador dos mais ilustres, a ponto de merecer rasgados elogios de SERTILLANGES, um dos maiores expoentes do tomismo em nosso tempo, em seu ensaio sobre *Ciência e Cientismo*, integrante de uma magnífica coletânea escrita ao lado de DANIEL ROPS e desse altíssimo mestre e prêmio NOBEL de Física que se chama LOUIS DE BROGLIE.

*
* *

Precisamente, o culto paládico da dedução abstrata levou à liturgia do segundo anjo rebelde, cuja incarnação é o anti-cultura-

lismo, o anti-intelectualismo, o desprezo pela “inteligentzia”, o desapeço às ciências transcendentês, o menosprezo pelas ciências humanas ou culturais, cuja complexidade de raciocínio extrapola da bitola estreita do simplismo da quantidade a duas ou três dimensões, cujos trilhos constingem o intelecto quando não sabemos percorrê-los iluminando a estrada com o holofote da amplidão mental que somente poderá ser obtida e tornar-se viável com a posse de uma sólida cultura geral que se traveja na unidade ontológica do conhecimento.

O problema poderia comportar vários “approachs” em sua abordagem que alongariam por demais essa desataviada oração paraninfal. Se não bastassem, porém, os brilhantes exemplos de economistas servidos por altíssimos dotes de cultura já trazidos à colação, como WALRAS, PARETO ou KEYNES, sobretudo, este último, como verdadeiro talento de filigrana pelo helenismo, pelo amor à arte, pela habilidade política e pelo cultivo da Filosofia, o exemplo de ADAM SMITH, de STUART MILL e até de MARX ou de VEBLEN permitido seja evocar a prata de casa, o exemplo nacional.

Entre os mortos citemos o primeiro economista brasileiro, esse admirável JOSÉ DA SILVA LISBOA, catedrático de hebraico e grego aos 22 anos na Universidade de Coimbra, esse prodigioso humanista que sombreava JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA, temido dos contemporâneos pela sabedoria invulgar, nota TRISTÃO DE ATAÍDE, historiador e jurista, criador do nosso Direito Comercial, primeiro brasileiro que professou o ensino de Economia e escreveu obras de relevo sobre a ciência que nascia com QUESNAY e com SMITH. Entre os vivos, o exemplo atual de EUGENIO GUIDIN, CELSO FURTADO, MÁRIO SIMONSEN e ROBERTO CAMPOS são suficientes para mostrar economistas de pulso, cujo conhecimento tecnológico não consegue sopitar e esconder os sólidos alicerces culturais e até humanísticos que suportam o edifício da especialidade.

No fundo, essa aversão à cultura, esse anti-intelectualismo, — tão manifesto no pauperismo espiritual da cultura universitária norte-americana pelo horror ao designativo “intelectual”, segundo depõe VIANNA MOOG, e de onde trouxeram o preconceito os que por ali passaram na caçada, ora fácil, ora arisca, dos mestrados e doutoramentos concedidos aos estrangeiros da selva sul-americana — é apenas uma florescência retardada e temporã daquele “cientismo” do século passado, fruto das visões unilaterais da verdade, que a própria ciência no seu contínuo evoluer encarregou-se de sepultar como um sósia mal parecido e pouco apresentável como saber autêntico e legítimo.

Fizeram-lhe as honras do enterro os mais conspícuos representantes da ciência moderna, físicos e matemáticos do porte de EINSTEIN, HENRI POINCARÉ, BOUTROUX, MEYERSON ou EDDINGTON. Cantou-lhe BERGSON a impiedosa oração fúnebre nas páginas lapidares e luminosas de sua penetrante metafísica do *élan vital*, desmontando peça a peça a crença no experimentalismo como caminho exclusivo da razão humana, à moda positivista, ou o dogmatismo então vigente das ciências da natureza, mais dogmáticas que as mais sombrias formas de intolerância religiosa registradas no passado da humanidade.

Pertence assim o anti-intelectualismo aos devãos daquele "folk-lore cientificista", daquelas teorias a que alude GOLDENWEISER que "são meros capítulos na história dos erros científicos", disse o mordaz pensador anglo-saxão. Folk-lore, nada mais que folk-lore, digno de figurar arqueologicamente nos museus das cousas superadas pela finura e penetração do espírito humano.

*
* *

Ora, as aplicações da ciência, isto é, a Técnica, contribuíram para a inflação do "cientismo" mas beneficiou-se também da postura endeusadora assumida pelo pensamento ocidental em dado período histórico. O rebento passou a usar das galas e dos ouropéis que conquistara vadiamente e sem esforços para a genitora intelectual. O curioso e digno de nota é que nem sempre a Técnica foi estimada e valorizada como aplicação das ciências. As invenções esquecidas de ARQUIMEDES e desprezadas pelos coevos gregos ou DESCARTES lastimando a aplicação da matemática à mecânica, lembra PIERRE DEVAUX, são exemplos dessa atitude não valorativa da Técnica em tempos idos e vividos.

Não pretendo escrever um ensaio sobre a Técnica, o ritual tecnicista e o conhecimento tecnológico e para isto remeto-vos a uma literatura vasta e numerosa que cada vez mais é enriquecida, entre a qual destaco o belo ensaio de DANIEL ROPS nomeado "Para um futuro humano". Lembro-vos apenas que a Técnica — "o esforço de não se deixar alienar na contemplação pura da ciência, e de voltar-se para a prática e explorar o imenso potencial de ação que a ciência encerrava", como escreveu o sociólogo FERNANDO BASTOS DE ÁVILA S. J., nada vale sem o suporte científico e por isso a pesquisa tecnológica só avança no encaço da pesquisa básica, cumprindo a sentença latina — *mens agitat molam* — a idéia guia a mão, ou como em nosso tempo foi cunhado por JULIAN HUXLEY — "o pensamento é a ação em curto circuito". Isto basta aos que quiserem inverter a ordem racional das cousas, antepondo a tecnologia à ciência pura e desinteressada.

Evoco aos que quiserem ser apenas *homo faber* e não *homo sapiens* que nem sempre sabe quem faz, mas faz quem sabe. Noutras palavras, se quereis erguer-vos acima das técnicas profissionais, ser mais alguma cousa que um mestre de obra em economia, mais que um mero trabalhador qualificado em projetos ou em pesquisas de mercado, deveis manter vivo o cultivo da ciência e fortalecer vossa cultura geral, pois assim ficareis adestrados e treinados para cometimentos mais vastos e altaneiros qual seja a liderança na profissão, na empresa privada ou na vida pública. Um técnico, apenas técnico e nada mais, tem que limitar suas aspirações à cordilheira de minguada altitude dos empregos nas autarquias e sociedades de economia mista da região ou nos raros grupos industria's locais que se dão ao requinte de possuir economistas assalariados e dependentes.

Aquele, porém, que se ergueu acima do microcosmo da Técnica: que se alçou àquela categoria de "técnico das idéias gerais" a que se referia LYAUTEY; que superou a minúcia do especialista, segundo o anedotário um sabedor de "tudo de nada" em contraposição ao periodista que sabe "nada de tudo", este está destinado à liderança, ao comando, à chefia, aos postos de direção na vida social, seja na ordem privada, seja na ordem política.

Se atingirdes, entretanto, o comando na ordem política, guardai-vos do tecnocratismo, pelo que transcrevo para vós essa sã'ba página de BASTOS DE ÁVILA S. J., salutar aviso para que não transformeis vossa ascensão política em ascensão tecnocrática, sistema político em que o governo é controlado por cientistas e técnicos, como foi sonhado por tantos ideólogos do passado e vivamente condenado na filosofia política dos nossos tempos, em que pesem certas distorções atuais, das quais o Brasil se acha regulamente contaminado.

"A tecnocracia — diz o autor citado — tem como fundamento a idéia de que governar, como administrar, é uma simples questão técnica. Basta conhecer cientificamente os mecanismos que determinam o funcionamento dos processos sociais, para exercer sobre eles um controle preciso. A tecnocracia esquece que os fenômenos humanos não obedecem a determinismos rígidos, mas são trabalhados por fatores imprevisíveis das infinitas composições possíveis das forças de liberdade que lhes são imanentes. Por isto, o tecnocrata evoca sempre a idéia de um homem insensível às implicações sociais e humanas de suas medidas rigorosamente científicas. É certo que o governo pode e deve se beneficiar da colaboração de peritos, mas na decisão política entra sempre um elemento de intuição, de experiência e de sensibilidade a que nenhuma técnica pode preparar".

Chegamos assim ao demônio caudatário dos outros, o do *desenvolvimentismo relativista*, a crença ilimitada na panacéia do desen-

volvimento econômico e social, por si só apto a trazer ao vale de lágrimas terráqueo o novo paraíso edênico outrora gozado pelos pais bíblicos.

A tese é sedutora e profundamente enraizada na convicção de muitos e a ela já aludi no decurso da presente oração. Até descobertas no campo psicológico têm sido geradas pelo otimismo do desenvolvimento. Vêde os trabalhos do DAVID C. MCCLELLAND, chefe do Departamento de Relações Públicas da Universidade de Harvard, sobretudo, *The Achieving Society*, no qual discorre sobre o “virus”, o impulso mental que explica o sucesso econômico pela psicologia, espécie de complexo do primeiro diédro dos velhos psicanalistas, e que chamou de fator *n'Aach* (abreviação de *need for achievement* — necessidade de realização) e que ele pretende ter localizado em vários momentos históricos coincidentes com a demarcação desenvolvimentista.

Por outro lado, homens como JOHN KENNETH GALBRAITH, grande economista norte-americano, ex-embaixador de KENNEDY, o checo OTA SIK, ex-ministro da economia em seu país, hoje refugiado na Suíça, e o ex-chanceler alemão LUDWIG ERHARD, pai do milagre da reconstrução alemã, engalfinharam-se recentemente em debates ásperos num congresso internacional realizado em Zurich e não chegaram a nenhuma conclusão sobre os modelos econômicos ideais e sua melhor adequação ao humano no processo desenvolvimentista, embrulhando todos os sistemas e sem nada concluir de positivo, precisamente por faltar uma tábua de valores, uma escala axiológica que a Economia não pode nem lhe incumbe fornecer.

A preocupação e quase psicose do desenvolvimento é, em parte, um reflexo do materialismo histórico que a influência marxista tem trazido ao mundo atual. Supõe, como já disse, que no atendimento de suas metas está a solução de toda a problemática humana. O desenvolvimento liquidará as disputas ideológicas, as divergências doutrinárias, as angústias de ordem ética e todos os recalcitrantes que teimam em pensar e filosofar. Seus apologistas estão como aquele Mr. Jourdan das letras francesas que fazia prosa sem saber que estava fazendo ou como os filósofos que pretendiam negar a metafísica fazendo metafísica. Tal posição intelectual, no fundo, é apenas o ranço secular do positivismo relativista e pragmático, do “cientismo” superado. Bem que poderiam, ao negar qualquer conotação metafísica, ter escolhido filosofias de melhor quilate. No Brasil então, os corifeus oficiais conferem ao desenvolvimento como processo de mudança sócio-econômica a graça inefável, o dom miraculoso, o condão de ser o instrumento viável da máxima segurança nacional.

Tudo isto é profundamente mítico e místico em inteligências que pretendem ser as culminâncias do novo iluminismo, do néo-ra-

cionalismo da nossa época, tomando assim atitudes que se conflitam pelo seu irracionalismo em face aos dados imediatos da realidade. Um simples lance de olhos ao mundo atual mostra que nem os Estados Unidos com o caos das agitações raciais e universitárias, o Japão com tensos e irreconciliáveis conflitos culturais, a Alemanha Ocidental com a angústia da sua unificação política e da bizarra situação estratégica de vanguardeira do mundo democrático numa guerra nuclear, embora sejam os mais desenvolvidos, nem por isto concretizaram um mínimo de felicidade, de tranqüilidade e de paz para a humanidade angustiada do século XX.

*

* *

Procurei premunir o vosso espírito contra demônios tão astutos e prestigiados, capetas tão insinuantes, dando-vos a água benta de alguém que estudou e viveu bastante, com meio-século de experiência, pois isto e somente isto poderia arrancar das fontes mais profundas do meu ser e vos oferecer como vosso paraninfo — pão do espírito tirado do forno ardente do meu idealismo, ao calor de uma independência moral e espiritual que tão duramente tenho procurado preservar ao longo da vida.

No mais, somente ardentes votos de felicidade constante e muito êxito no futuro. Muito obrigado, meus afilhados.